

TROTSKY, A ASCENSÃO DO NAZISMO E O PAPEL DO STALINISMO

Oswaldo Coggiola

Nos anos 1930-1933, o eixo dos debates políticos na Europa, e na Internacional Comunista, foi a evolução política da Alemanha. Nas vésperas da ascensão Hitler, Trotsky criticara a recusa da IC em propor uma Frente Única Operária dos partidos socialista e comunista contra o nazismo. Nos anos 1920, o nazismo ainda era chamado na imprensa de esquerda mundial como o “fascismo alemão”. Nas condições sociais criadas pela crise econômica mundial iniciada em 1929, que determinaram um novo papel para o Estado na estabilidade da ordem capitalista, o nazismo adquiriu, no entanto, características peculiares e insuspeitas, inclusive num movimento de extrema reação política, bem que inicialmente de fato inspiradas no “Estado corporativo” de Mussolini.

Houve sem dúvida um vínculo entre a crise econômica mundial e a ascensão dos fascismos na Europa. Se, entre 1918 e 1933, a Alemanha foi o ponto crítico da estabilidade econômica e política na Europa, a partir da última data ela virou, sem dúvida, o centro da contra-revolução anti-bolchevique e o motor da Segunda Guerra Mundial. As forças políticas mundiais se re-alinharam em função do nazismo. O NSDAP (*Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães*, ou simplesmente Partido Nazista) fora fundado em Munique, em janeiro de 1919. Seu sétimo aderente, Adolf Hitler, pintor de construção austríaco, estava imbuído de nacionalismo racista, anti-semita, e de ódio pelo comunismo. O NSDAP adquiriu logo uma fisionomia peculiar dentro dos grupelhos nacionalistas devido à sua insistência em temas “sociais”, e à personalidade de seus dirigentes, Hitler é claro, mas também Goebbels, mestre da propaganda. Logo beneficiou-se de apoios no mundo dos negócios e no exército, neste através de Ludendorff, até adquirir estatura nacional depois dos acontecimentos de 1923 (tentativa de *putsch* militar na Baviera).

Sua doutrina era simples, e tinha seu eixo na oposição entre a Alemanha e seus “inimigos internos e externos”. O discurso nazista era simples: 1) O povo alemão, ariano, trabalhador e generoso, mas que fora “traído” durante a guerra; 2) Pelo judeu, inspirador das ideologias marxistas, democráticas, e das relações universais, que apodreceram o Estado desde dentro; 3) É necessário restaurar a Alemanha eterna, seu *Lebensraum* (espaço vital), regenerar seu povo para torná-lo “senhor” do mundo; 4) Insistência nos temas da “comunidade nacional”, do “sangue puro”, da “pureza de raça”, da “ordem”, das virtudes guerreiras, do esmagamento dos inimigos, da extensão territorial às custas da URSS bolchevique e da decadente França.

O NSDAP era dirigido por medíocres ex-combatentes que se sentiam “traídos” na derrota nacional de 1918, e pequeno-burgueses espantados pelo “nivelamento social”. Eram estes: Ernest Röhm, provocador que mantinha vínculos com os militares e ajudou a formar uma milícia particular dos nazistas, conhecida como “camisas pardas”; Hermann Goering, herói da aviação, brutal e ambicioso, chefe das SA (*Sturmabteilungen*, tropas de assalto); Rudolf Hess (secretário de Hitler), Heinrich Himmler, Martin Bormann, homens sem escrúpulos; o báltico Alfred Rosenberg, filósofo amador, teórico da “raça” ignorante e pretensioso;

demagogos anti-semitas como Julius Streicher e Gregor Strasser... Comandados pelo *Führer*, constituíam no início uma verdadeira quadrilha.

A crise de 1929, na Alemanha, agravou os resultados da hiper-inflação de 1923, depois de uma “prosperidade” relativamente breve. Dentro da burguesia, só os grandes industriais e banqueiros sobreviveram: a média e pequena burguesia, arruinada pela inflação e deflação alternantes, acabou sub-proletarizada. Os camponeses, menos atingidos pela crise, eram uma minoria nesse país industrializado. Os trabalhadores industriais sofriam, com o desemprego de massa, uma miséria densa, na qual a procura de um emprego parecia interminável. A juventude carecia de qualquer perspectiva de trabalho, ou de vida “normal”: milhões de jovens viraram “nômades”, muitos enchiam os “campos de trabalho”. Fenômenos de decomposição social se desenvolveram em grande escala (droga, alcoolismo, prostituição...). O desespero e a cólera se voltavam contra o governo, freqüentemente ocupado pelos socialistas (SPD). Toda esperança, todo “bode expiatório”, eram aceitos: o nazismo, em escala maior que o fascismo italiano, seria capaz de mobilizar a pequena-burguesia desesperada (explorando seu medo da “proletarização”), esse grupo social que Gramsci, sem papas na língua, chamara “o povo dos macacos”...

Nascido nas margens do exército, o NSDAP fora timidamente financiado, no início, por setores burgueses: o editor Bruckham, o fabricante de pianos Bechstein. Com a crise de 1929, o caixa nazista recebeu o apoio dos “*konzern*” (Kirdorf, do carvão; Vorgler e Thyssen, do aço; IG Farben; o banqueiro Schroeder, etc.). As suas possibilidades de agitação e propaganda, a sua autoconfiança e, sobretudo, a sua capacidade de subornar funcionários públicos (policias, juizes, militares) cresceram então geometricamente. Às classes médias desesperadas, os nazistas propunham remédios contra a angústia: xenofobia, racismo, nacionalismo exacerbado, acompanhados de uma demagogia anti-capitalista que apontava aos *judeus* (desde o século XIX designados como “encarnação do capital”: o fundador do Partido Social-Democrata, August Bebel, já qualificara o anti-semitismo de “socialismo dos imbecis”). Também eram denunciados o “imperialismo” (o *diktat* de Versalhes) e os *bonzos* (os dirigentes operários, acusados de colaboração com os judeus): os nazistas chegaram a apoiar as “greves selvagens”, realizadas à margem dos sindicatos. E, sobretudo, o NSDAP usava a violência e o terror contra seus “inimigos”, para demonstrar ao seu “público” sua determinação em atingir seus objetivos.

Os *símbolos* nazistas (a cruz svástica, tirada dos povos germânicos da Idade Média, mas também as grandes paradas militares) exprimiam seu conteúdo, com o qual formavam uma unidade. O *racket* (chantagem “protetora”) era usado em larga escala para encher o caixa do NSDAP. E, sobretudo, o nazismo oferecia uma saída imediata para a juventude desempregada: o emprego nas suas fileiras, fardado, nas milícias armadas, nas SA (tropas de assalto) e, depois, nas SS (*Schutzstaffel*, destacamento da guarda, na verdade guarda de elite particular de Hitler, apelidada de “camisas pretas”). O emprego, o salário, a farda, devolviam aos jovens o que eles julgavam ser uma existência que a sociedade lhes negava. A militância nazista passou, então, de 176 mil em finais de 1928 para 800 mil em finais de 1931 (e para mais de um milhão de aderentes, no ano seguinte). Mas comunistas e socialistas também cresciam: nas eleições gerais de 1928, os dois partidos de esquerda somados obtiveram 12.418.000 votos; em 1930, 13.160.000 (os nazistas só 6,4 milhões); em julho de 1932, os partidos operários obtinham ainda 13.300.000 votos (mas os nazistas já obtinham 13.779.000). Em novembro desse ano, SPD (socialistas) e KPD (*Partido*

Comunista da Alemanha) reunidos obtinham 13.230.000 votos; o NSDAP, 11.737.000: *foi quando se desenhava um declínio político do nazismo no cenário de forças, que o presidente Hindenburg (eleito em 1925 com apoio do Partido Socialista, SPD) chamou (em janeiro de 1933) o chefe nazista Hitler, para ocupar a chancelaria do Reich.*

O fator decisivo, porém, foi a recusa dos partidos de esquerda a realizar uma Frente Única contra os nazistas. O SPD contava com um milhão de membros, 5 milhões de filiados sindicais, centenas de milhares de organizados na *Reichsbanner*: em setembro de 1930, ainda obtinha 8,5 milhões de votos (143 deputados) contra 6,4 milhões (107 deputados) do NSDAP. Mas o SPD buscava uma “via intermediária” entre o nazismo e o “bolchevismo”: a sua política era a “defesa da República (de Weimar)”, reclamavam então leis repressivas contra o nazismo, a ação da polícia e dos tribunais. Finalmente, apoiaram a política deflacionista do chanceler Brüning (geradora de miséria), a suspensão do *Reichstag*, o governo por decretos-lei, chamaram a votar o Marechal Hindenburg (que cederia a Hitler...) para a presidência da República. Os votos do SPD caíram para 7,96 milhões em julho de 1932, e para 7,25 milhões em novembro desse ano. Os partidários da “Frente Única Operária” no SPD foram excluídos: eles constituíram o SAP (Partido Socialista Operário), com dezenas de milhares de membros, partido que em 1933 (depois da ascensão de Hitler) assinaria, junto aos partidários de Trotsky (a *Liga Comunista Internacionalista*) e a dois partidos de esquerda holandeses, RSP e OSP, a “Declaração dos Quatro” pela IV Internacional.

O KPD (Partido Comunista) também progredia: 3,27 milhões de votos em 1928; 4,59 milhões em 1930; 5,37 milhões em julho de 1932; 5,98 milhões em novembro desse ano. Junto ao SPD, teria tido todas as chances de barrar os nazistas, mas a sua política divisionista (denúncia do SPD como “social-fascista”) foi tal que levou o historiador R. T. Clark a refletir: “É impossível ler a literatura comunista da época sem sentir calafrios diante do desastre a que leva um grupo de homens inteligentes à recusa de usar a inteligência de modo independente”. O KPD insistia na procura de temas comuns com os nazistas (contra Versalhes, pela independência nacional, contra os *bonzos*) até usar uma terminologia semelhante (“revolução popular”). Chegou a afirmar que *antes* de combater o “fascismo”, era preciso combater o “social-fascismo” (o SPD), propondo então a “frente única pela base” aos operários social-democratas. No conjunto, a sua política era definida pelo dirigente da Internacional Comunista, Manuilski: “O nazismo será o último estágio do capitalismo antes da revolução social”...

Ainda assim, há quem insista, como Heinz Brahm, em que “Trotsky se distanciou dos chefes do KPD, os que -ainda em tempos do governo de Hermann Müller (SPD; 1928-1930)- declaravam que na Alemanha era o fascismo que mandava. Trotsky descobriu como nenhum outro os perigos do nacional-socialismo. Vislumbrou que o NSDAP professaria a Constituição somente até chegar ao poder. Parece haver advertido que Hitler, que preparava o golpe de estado no marco da Constituição, não atuava de forma muito diferente dele mesmo quando em 1917 aproveitou a legalidade soviética para a revolução em Petrogrado. Desde setembro de 1930 convidou incansavelmente a formar uma Frente Unida entre o SPD e o KPD. Mas depois da tomada de poder por Hitler, ele mesmo rechaçou um pacto de não-agressão entre ambos partidos. Honra a Trotsky o fato de haver previsto a catástrofe da ditadura de Hitler. Mas não é correto tornar exclusivamente Stalin e a Komintern responsáveis pelo triunfo de Hitler”.

Em abril de 1931, o KPD chamou, junto ao NSDAP, a votar contra o SPD para derrubar o governo socialista da Prússia, no “plebiscito vermelho” (que os nazistas chamaram de “plebiscito negro”). Em novembro de 1932, aliou-se aos nazistas contra os *bonzos* social-democratas na greve dos transportes de Berlim. Em consequência desses posicionamentos aconteceram as crises políticas que derrubam sucessivamente o governo centrista de Brüning, o gabinete Von Papen em novembro de 1932, e depois o governo do general Von Schleicher, até o chamado a Hitler para se transformar em chanceler, a 30 de janeiro de 1933.

Hitler chegou ao poder sem resistência operária e com o apoio da burguesia, este intermediado pelo ex-ministro de finanças do governo centrista de Stressemann, Hjalmar Schacht, que chegou a um acordo com o NSDAP através do banqueiro Schroeder.¹ Rapidamente, os novos donos do poder passaram a organizar um regime novo, não sem antes montar uma provocação contra o KPD através do incêndio do *Reichstag*,² o parlamento alemão (a 27 de fevereiro de 1933). Com 3.000.000 de marcos fornecidos pelo grande capital, mais o terror das SA, os nazistas cresceram, nas eleições de 1933, de 33% para 44% dos votos. A 23 de março, o *Reichstag* votou os plenos poderes para Hitler, contra o voto da bancada do SPD, mas com o voto favorável do *Zentrum* católico. A 2 de maio, os sindicatos foram dissolvidos, e seus bens confiscados. A 14 de julho (aniversário da Revolução Francesa) os partidos políticos foram dissolvidos, o NSDAP foi proclamado “partido único”.³

Com a morte do presidente Hindenburg, Hitler passou a acumular as funções deste junto com a chancelaria. Os plenos poderes, que o autorizavam a violar a Constituição, foram renovados em 1934 e 1937: o juramento de fidelidade ao *Führer* tornou-se obrigatório para todos os funcionários públicos, inclusive os ministros. Logo foram suprimidos os *Landstag* (Assembléias) e o *Reichrat* (Conselhos do Reich): a lei de *Gleichhaltung* uniformizou a legislação dos estados com a do Reich. Os governos dos *Länder* (Estados) foram substituídos pelos *Staatshalter*, prefeitos designados pelo poder executivo; o mesmo aconteceu com os alcaides das cidades. O NSDAP, como partido, também possuía uma organização centralizada: 32 *Gauen* (distritos), dirigidos por um *Gauleiter*, divididos em círculos, grupos, células e blocos. Desenvolveram-se as organizações paralelas, como a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), as corporações de estudantes, professores, juristas. As SA passaram para um segundo plano, depois da “noite dos longos punhais” (junho de 1934), quando Hitler fez assassinar a sua direção, incluindo seu chefe Ernst Röhm. Em troca, privilegiou-se a SS, dirigida por Himmler, no início só guarda pessoal de Hitler: 200 mil homens em 1936, com unidades “de missão interna” (campos de concentração) e unidades militares de elite, as *Waffen SS*. Das SS surgiu um corpo especial de polícia (SD), dirigido por Heydrich, que vigiava a própria polícia do Reich.⁴

A polícia foi reorganizada: a contra-espionagem (*Abwehr*) com Canaris, a segurança, a polícia criminal, e a polícia secreta do Estado (a *Gestapo*). Os campos de concentração nasceram e cresceram rapidamente: eram “só” 50 sob o comando das SA, mas passaram

¹ Cf. Hjalmar Schacht. *Setenta e Seis Anos de Minha Vida*. São Paulo, Editora 34, 1999.

² Marcel Willard. *O Incêndio do Reichstag*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968.

³ Claude Klein. *De los Espartaquistas al Nazismo*. La República de Weimar. Barcelona, Península, 1970.

⁴ Cf. Ian Kershaw. *Qu'est-ce que le Nazisme*. Problèmes et perspectives d'interprétation. Paris, Gallimard, 1992.

para cem nas mãos das SS, em 1939, com três campos célebres a partir de então: Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen. Reuniam um milhão de detidos (inicialmente opositores políticos, mas logo também judeus, ciganos, homossexuais...) sob as ordens de *Kapos*. Fato capital: os campos forneciam uma enorme mão-de-obra quase gratuita para a grande indústria privada (*Krupp, Mercedes Benz, Volkswagen, Thyssen*): o trabalho de um homem custava 70 centavos por dia, e produzia o equivalente a 6 marcos (a taxa média de lucro e a acumulação de capital cresceram então geometricamente)...

A justiça perdeu toda autonomia, em parte substituída pelos “tribunais do povo”. O ministro da propaganda (Goebbels) controlava a imprensa, a edição de livros, o rádio, o cinema, setores que conheceram “depurações” em massa. Os “criadores” e jornalistas receberam instruções precisas: as bibliotecas sofreram *razzias* (20 mil volumes foram queimados só no 10 de maio de 1933!). Na educação houve também um “expurgo” dantesco: racismo, revisão de manuais e textos escolares, enquadramento de estudantes e professores em corporações. As organizações juvenis passaram a enquadrar crianças a partir de oito anos de idade, ao tempo que a lei passou a autorizar a esterilização de certos indivíduos ou grupos.

Os bens dos sindicatos passaram para a “Frente de Trabalho”, dirigida por Robert Ley: a filiação à “Frente” era obrigatória para as organizações sindicais. Em janeiro de 1934 decretou-se a “lei de organização de trabalho”: a “Frente” se dividiu em 22 grupos, os sindicatos deviam ser o instrumento da política social do regime; nos locais de trabalho deviam-se eleger “delegados” a partir de uma listagem apresentada pela direção. As greves foram proibidas: os “tribunais do trabalho” passaram a aplicar sanções, organizou-se o “Serviço de Trabalho”, de um ano, para ambos os sexos. O lazer também foi organizado, através da KDF (a “Força pela Alegria”...).⁵

O homem do grande capital, Hjalmar Schacht, foi nomeado novamente ministro de finanças (1934-37: uma década antes tinha sido o responsável econômico da República de Weimar), depois ministro sem carteira até 1943. Ele financiou a retomada da produção com o *bloqueio* dos capitais estrangeiros, a “substituição de importações”, e uma política de crédito a curto prazo. Desenvolveu-se também uma política de grandes trabalhos públicos, que absorveu em grande medida o desemprego. Os salários, porém, foram bloqueados. A concentração do capital foi amplamente favorecida, com o Estado assumindo os pouco rentáveis setores de base, sobretudo para a indústria armamentista: aço, metalúrgicas (as *Hermann Goering Werke*). Brecou-se também o êxodo rural com incentivos à produção agrária, assim como restabelecendo as multas e os castigos corporais no campo, o salário em espécie, e o fornecimento de mão-de-obra (Serviço do Trabalho).

A produção se restabeleceu rapidamente, passando de um índice 100 em 1932, para 225 em 1939 (duplicação em menos de 7 anos), com uma “inflação controlada”. Para controlá-la recorreu-se à demanda garantida da produção crescente de armamentos (prelúdio, na verdade, da guerra de conquista). Os monopólios, então, se fortaleceram: os lucros cresceram 250%, embora os preços só aumentassem em 25%. Os salários reais chegaram a cair: a juventude, não mais desempregada, era submetida ao trabalho obrigatório. Do programa “anti-capitalista” original só sobraram a expropriação dos capitalistas... judeus

⁵ Cf. Norbert Frei. *Lo Stato Nazista*. Bari, Laterza, 1998.

(para favorecer outros capitalistas, “arianos”) e a nacionalização dos setores industriais deficitários, mas indispensáveis para o re-armamento da Alemanha.⁶

As análises de Trotsky sobre a ascensão do nazismo provocaram a admiração dos seus contemporâneos, e obtiveram ampla divulgação,⁷ devido à sua extraordinária lucidez, mas poucos compreenderam que elas se inseriam dentro de um *corpus* teórico geral sobre a era histórica em pauta, a “era da revolução permanente”: toda teoria da revolução é também uma teoria da contra-revolução. Trotsky descreveu como poucos as conseqüências que, para a sociedade e a civilização humanas, tinha a nova etapa imperialista do capitalismo, definida por Lenin em 1916, em plena Primeira Guerra, como “época de guerras e revoluções”, “era da reação em toda a linha”. Na síntese de Trotsky: “A guerra explodiu, seguida pelo seu cortejo de violentas convulsões, crises, catástrofes, epidemias e retornos à barbárie. A vida econômica encontrou-se num beco sem saída. Os antagonismos de classe agravaram-se e apareceram a nu. Um após outro, viram-se explodir os mecanismos de segurança da democracia. As regras elementares da moral revelaram-se ainda mais frágeis do que as instituições democráticas e as ilusões do reformismo. A mentira, a calúnia, a corrupção, a venalidade, a violência, a coerção, o assassinato, assumiram proporções nunca vistas. Os espíritos simples, confundidos, acharam que se tratava de conseqüências momentâneas da guerra. Na realidade, esta manifestação era, e continua sendo, a manifestação do declínio do imperialismo. A decadência do capitalismo traz consigo a da sociedade moderna, com suas leis e sua moral”.⁸

A transformação do “regime relativamente reacionário” da livre-concorrência para o “regime absolutamente reacionário” do monopólio, privava à expansão mundial do capital de qualquer traço de progressividade histórica, com conseqüências nefastas para os países atrasados: “Enquanto destrói a democracia, nas velhas metrópoles do capital, o imperialismo impede, ao mesmo tempo, a ascensão da democracia nos países atrasados. O fato de que, em nossa época, nem uma só das colônias ou semicolônias haja realizado uma revolução democrática -sobretudo no campo das relações agrárias- se deve por completo ao imperialismo, que se converteu no principal obstáculo para o progresso econômico e político. Expoliando a riqueza natural dos países atrasados e restringindo deliberadamente seu desenvolvimento industrial independente, os magnatas monopolistas e seus governos concedem, simultaneamente, seu apoio financeiro, político e militar aos grupos semifeudais reacionários e parasitas dos exploradores nativos. A barbárie agrária, artificialmente conservada, é hoje em dia a praga mais sinistra da economia mundial contemporânea. A luta dos povos coloniais por sua libertação, passando por cima das etapas intermediárias, se transforma na necessidade da luta contra o imperialismo e, desse modo, se põe de acordo com a luta do proletariado nas metrópoles. Os levantes e as guerras coloniais fazem oscilar, por sua vez, as bases fundamentais do mundo capitalista mais do que nunca, e fazem menos possível do que nunca o milagre de sua regeneração”.⁹

⁶ Charles Bettelheim. *L'Économie Allemande sous le Nazisme*. Paris, François Maspéro, 1971.

⁷ Em janeiro de 1933, por exemplo, Mário Pedrosa traduziu e publicou, no Brasil, uma coletânea dos artigos de Trotsky a respeito, de 1931-32, republicada em 1979 sob o título *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, São Paulo, Ciências Humanas.

⁸ Leon Trotsky. *Moral e Revolução*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978 (1º ed. 1938).

⁹ Leon Trotsky. *O Marxismo de Nosso Tempo*. São Paulo, Outubro, 1988 (1º ed. 1939).

Para analisar as conseqüências políticas da nova época, marcada pela guerra mundial e pela crise geral do capitalismo de 1929, Trotsky viu-se obrigado a desenvolver mais ainda a teoria sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo, confrontando-se novamente, como no primeiro momento de elaboração da “revolução permanente”, com o próprio Marx que, segundo Trotsky, “imaginou de maneira demasiadamente unilateral o processo de liquidação das classes intermediárias, como uma proletarização no atacado dos artesãos, do campesinato e dos pequenos industriais”. A crise capitalista, na época monopolista, tivera, no entanto, conseqüências imprevistas: “O capitalismo arruinou a pequena burguesia a uma velocidade maior do que a proletarizou. Por outro lado, o Estado burguês agiu conscientemente durante muito tempo com vistas à manutenção artificial da camada pequeno-burguesa.” As decorrências políticas desse processo para a contra-revolução contemporânea eram enormes: “Se o proletariado, por qualquer razão, demonstrara incapacidade para derrocar a ordem burguesa sobrevivente, o capital financeiro, na luta para manter a instável dominação, só poderia transformar a pequena burguesia, arruinada e desmoralizada por aquele, no exército *pogromista* do fascismo. A degeneração burguesa da social-democracia e a degeneração fascista da democracia burguesa estão unidas como causa e efeito”.¹⁰

“Causa e efeito”, porém, não significa dizer que social-democracia e nazismo eram “irmãos gêmeos”, idéia que serviu à Internacional Comunista, como base para a teoria do “social-fascismo”, quebrando toda possibilidade de unidade e vitória proletárias contra o nazi-fascismo. Enquanto os partidos comunistas “stalinizados” consideravam a vitória nazista como um “mal menor”, Trotsky já advertia sobre a horrenda originalidade do novo tipo de contra-revolução, em 1932: “O fascismo põe em pé aquelas classes imediatamente acima do proletariado, e que vivem com receio de serem obrigadas a cair em suas fileiras; organiza-as e militariza-as às custas do capital financeiro, com a cobertura do governo oficial (...). O fascismo não é apenas um sistema de represálias, de força brutal, de terror policial. O fascismo é um determinado sistema governamental baseado na erradicação de todos os elementos da democracia proletária dentro da sociedade burguesa”.

O instinto elementar do revolucionário teria levado Trotsky, de qualquer modo, a se opor à política stalinista diante da ascensão nazista, mas ele não se limitou a isso, graças à base teórica com a qual se debruçou sobre o fenômeno, provocando a admiração de Perry Anderson: “Isolado numa ilha turca, ele escreveu, a certa distância dos acontecimentos, uma seqüência de textos sobre a ascensão do nazismo na Alemanha que, como estudos concretos de uma conjuntura política, são de uma qualidade sem par no conjunto do materialismo histórico. Neste campo, o próprio Lênin nunca produziu qualquer trabalho de profundidade e complexidade comparáveis. Com efeito, os escritos de Trotsky sobre o fascismo alemão constituem a primeira análise marxista real de um Estado capitalista do século XX - o estabelecimento da ditadura nazista”.¹¹

Trotsky não experimentou nenhuma confusão, e muito menos fascínio para com o espalhafatoso aparelho de símbolos e cerimônias que rodeava a mitificação da figura do *Führer*: “No início de sua carreira política, Hitler destacou-se somente por seu temperamento explosivo, sua voz mais alta que as outras e uma mediocridade intelectual

¹⁰ Leon Trotsky. A 90 años del Manifiesto Comunista (1937). *Escritos*, Bogotá, Pluma, 1974.

¹¹ Perry Anderson. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. Lisboa, Afrontamento, 1978, p. 127.

mais auto-suficiente. Ele não trouxe para o movimento qualquer programa preparado de antemão, se deixarmos de lado a sede de vingança do soldado insultado (...) Havia no país muita gente arruinada ou a caminho da ruína, portadora de cicatrizes e feridas recentes. Todos queriam bater com os punhos na mesa. E isto Hitler podia fazer melhor do que os outros. É certo que ele não sabia como curar o mal. Mas suas arengas ressoavam, ora como ordens de comando ora como preces dirigidas ao destino inexorável. As classes condenadas, ou as fatalmente enfermas não se cansam nunca de fazer variações em torno de suas queixas, nem de ouvir palavras de consolo. Os discursos de Hitler eram todos afinados nessa clave. Forma desleixada, sentimental, ausência de um pensamento disciplinado, ignorância paralela à erudição alambicada, todos esses defeitos transformados em qualidades. (...) O fascismo abriu as entranhas da sociedade para a política. Hoje, não apenas nos lares camponeses mas também nos arranha-céus das cidades convivem o século XX com o X e o XIII”.¹²

Em última instância, a contra-revolução capitalista e a contra-revolução no “Estado Operário” (a URSS stalinista) respondiam ao mesmo padrão totalitário típico das necessidades de defesa do capital mundial no seu período de decomposição: “O fascismo, nascido da bancarrota da democracia diante das tarefas da época do imperialismo, é uma ‘síntese’ dos piores males desta época. Traços de democracia conservam-se apenas nas aristocracias capitalistas mais ricas: para cada ‘democrata’ inglês, francês, holandês, belga, trabalha um certo número de escravos coloniais; ‘sessenta famílias’ governam a democracia nos Estados Unidos, etc. Elementos de fascismo crescem rapidamente em todas as democracias. O stalinismo é, por sua vez, o produto da pressão do imperialismo sobre o Estado operário, atrasado e isolado, e constitui, de certo modo, o complemento simétrico do fascismo”.¹³

Bem antes da “semiologia” nascer, Trotsky advertia que “se os caminhos do inferno estão cheios de boas intenções, os do III Reich estão cheios de símbolos”, pois “se todo pequeno-burguês encardido não pode virar Hitler, uma parte deste se acha em todo pequeno-burguês encardido”.¹⁴ O nazismo não só foi previsto, na suas características essenciais e nas suas piores conseqüências, por Trotsky, mas também demitificado na mesma análise: isto fazendo, Trotsky não só contribuiu a salvar a teoria marxista da completa bancarrota nos “tempos sombrios”, como reconhece Perry Anderson, mas talvez também a salvar o pensamento social *tout court*, diante da barbárie consumada num dos berços da civilização ocidental.

A evolução da URSS na década de 1930, por sua vez, apareceu como o complemento simétrico da tendência para o Estado totalitário que caracteriza ao mundo capitalista, mergulhado na crise econômica mundial, com sua principal conseqüência, o crescente intervencionismo estatal “keynesiano”. Já foi dito que teria sido possível imaginar outra história da URSS na década de 30, se o capitalismo mundial não tivesse estado em crise, podendo então se consagrar a hostilizar o regime soviético, o que não lhe foi possível devido aos seus próprios problemas nesse período. Mas também seria possível imaginar, simetricamente, o que teria sido do capitalismo em crise, com seus desempregados e

¹² Leon Trotsky. *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, ed. cit.

¹³ Leon Trotsky. *Moral e Revolução*, ed. cit.

¹⁴ Leon Trotsky. Qué es el nacional-socialismo? (junho 1933). In: *El Fascismo*. Buenos Aires, Cepe, 1973, pp. 70 e 83.

massas de esfomeados, se a URSS tivesse sido uma força revolucionária e um exemplo internacional, não pela propaganda, mas na realidade do seu desenvolvimento econômico e social. Na década de 30, na verdade, a URSS e o mundo capitalista se equilibram neutralizando-se, devido às suas respectivas dificuldades internas: uma prova a mais da unidade orgânica e da interdependência de todos os setores do mundo contemporâneo, assim como a tendência real para a unificação do seu ritmo histórico.

É justamente por esses motivos, e contra o pano de fundo da vitória internacional do fascismo (ou seja, da derrota da revolução proletária na Europa), que Trotsky apreciava a atitude dos operários soviéticos diante da burocracia, neste período: “Não há dúvida de que a imensa maioria dos operários soviéticos está descontente com a burocracia, e de que um setor considerável, certamente não o pior, a odeia. Contudo, não se deve somente à repressão o fato de que esta insatisfação não assuma formas massivas e violentas; os operários temem aplanar o caminho para o inimigo de classe se derrubarem a burocracia. As relações entre a burocracia e a classe operária são muito mais complexas do que supõem os ‘democratas’ superficiais. Os operários soviéticos já teriam acertado as contas com o despotismo do aparato se fossem outras as perspectivas que se abrem diante deles - se o horizonte ocidental, em vez do tom pardo do fascismo, se incendiasse com o vermelho da revolução. Enquanto isto não ocorre, o proletariado, rangendo os dentes, sustenta (‘agüenta’) a burocracia e, neste sentido, a reconhece como porta-voz da ditadura do proletariado. Numa conversa pessoal, nenhum operário soviético economizará xingamentos para qualificar a burocracia. Mas nenhum admitirá que a contra-revolução já aconteceu”.¹⁵

A URSS, sob Stalin, virou um país industrial, com uma indústria pesada, mas também com uma indústria de bens de consumo atrasada. As principais conseqüências seriam: o rápido ritmo da urbanização, o crescimento da própria burocracia, a diferenciação salarial em nome da “emulação socialista”, a severidade da disciplina do trabalho, que descaracterizam totalmente o regime como “socialista”, pelo menos no significado histórico já adquirido por esse termo.

No plano internacional, a política ultra-esquerdista do stalinismo começou com a fracassada insurreição de Cantão, na China, em 1927. Depois, a política do KPD alemão (denúncia do “social-fascismo”, ou seja, negativa à Frente Única dos partidos operários contra o fascismo) é levada adiante em todos os países: criaram-se “sindicatos vermelhos”, que organizavam só os setores diretamente influenciados pelos partidos comunistas, anunciou-se o “afundamento iminente do capitalismo”, impulsionou-se o aventurerismo em todas as suas formas. O balanço foi dramático: as organizações de massas controladas pelos partidos comunistas afundaram (CGTU na França, TUUL nos EUA, NMM na Inglaterra). Nos países balcânicos, os jovens partidos comunistas foram quase exterminados. Na Europa ocidental, eles viraram uma espécie de seita: assim foi na Bélgica, na Inglaterra, na Espanha (onde diversas outras organizações comunistas eram mais fortes que o PC), na França (onde o PCF tinha 25 mil membros em 1933, um quarto do seu efetivo na segunda metade da década de 20).

Nos países “periféricos”, o nacionalismo e os movimentos democratizantes (por exemplo, o APRA peruano ou a UCR argentina) também foram qualificados de “fascistas”, o que levou os partidos comunistas “coloniais” ao isolamento e ao enfraquecimento. A

¹⁵ Leon Trotsky. A natureza de classe da URSS. *A Revolução Russa*. São Paulo, Informação, 1989, p. 53.

Internacional Comunista ficou reduzida a 600 mil membros, excluído o PCUS: os seus partidos viraram “monolíticos”, como Stalin pretendia, com dirigentes “incondicionais”, que aceitavam tudo o que vinha “de cima”, inclusive as explicações mais inacreditáveis das derrotas. “Monolíticos”, sim, mas incapazes de intervir, no conjunto, na crise do capitalismo na década de 30. Já era claro que os dirigentes da URSS temiam movimentos revolucionários no exterior, que poderiam desestabilizá-los. As correntes “de esquerda” que surgiram na social-democracia ocidental e no nacionalismo “periférico” não receberam, por isso, quase nenhuma influência dos partidos comunistas (em que pesem os congressos mundiais “antiimperialistas”, como o celebrado em Frankfurt sob a presidência de Willi Münzenberg, ou “contra o fascismo”).

Em contrapartida, o capitalismo mundial parecia ter renunciado momentaneamente a intervir diretamente contra a URSS (intervenção que tinha se desenhado depois da ruptura diplomática anglo-russa de 1927) pelo menos até a consolidação da Alemanha nazista. Trotsky, desde 1933, qualificou Hitler de “super-Wrangel” (do nome do general russo, chefe do campo “branco” da guerra civil de 1918-1921) e de “ponta-de-lança do imperialismo mundial”: os dirigentes stalinistas qualificaram então Trotsky de “social-fascista”, “belicista”, visivelmente preocupados em buscar um *status quo* com o “novo regime” da Alemanha.

Ao mesmo tempo, uma série de “revoluções de palácio”, fracassadas, indicavam a crescente fragilidade da posição de Stalin na URSS: em 1931, o “caso” de Syrtsov e Lominadzé, acusados de formar um “bloco anti-partido” (os dois dirigentes acusavam à direção do partido de “tratar operários e camponeses à maneira dos *barines*”: foram excluídos do CC); em 1932, o “affaire Riutin”, do nome do dirigente que apregoou a descoletivização, a reintegração dos excluídos do partido, e a destituição de Stalin (descoberto, Riutin foi excluído do partido, assim como Zinoviev e Kamenev; há também numerosas detenções, mas o Bureau Político recusou executá-lo, como Stalin queria); em 1933, o mal conhecido “affaire Smirnov”. Os expurgos de intelectuais atingem grandes proporções; a mulher de Stalin se suicidou... A “resistência” à brutalidade de Stalin no próprio Comitê Central do PCUS fez crescer a figura de Sergo Kirov, que fazia o papel de “conciliador”: os choques no aparelho do partido e do Estado evidenciavam que a própria burocracia tomava consciência e temia o “espírito opositor” reinante em amplas camadas da população. Isto era particularmente visível na juventude, que repudiava o *stakhanovismo* que, em nome da “emulação”, resultava numa espécie de sistema de trabalho por peças, ou por mínimos de produção. Mas os burocratas opositores a Stalin também temiam derrubá-lo: uma parte deles seguramente pensava que, fazendo-o, abririam o caminho para a direita e a contra-revolução.

O XVII Congresso do PCUS, no início de 1934, consagrou o estado de espírito majoritário: aceitou-se uma autocrítica relativamente “digna” dos ex-opositores (Zinoviev, Bukharin, Lominadzé), outorgou-se um estatuto jurídico aos *kolkhozianos*, anistiu-se os *kulaki* perseguidos, a GPU foi reorganizada (transformou-se em NVKD) sob controle de um “comissariado (ministério) do interior”. No entanto, tratava-se da calma que precedia à tempestade, isto é, ao grande conflito, que já se desenhava no próprio Congresso: os secretários regionais pediram a Kirov candidatar-se ao posto de secretário-geral (Kirov recusou); 270 delegados votam contra Stalin, eleito ao CC em último lugar; segundo Roy Medvedev, se agrupavam em torno de Kirov, aqueles que pensavam que era necessário

executar o testamento de Lenin (ou seja, tirar Stalin do secretariado geral e dos postos dirigentes). O mesmo Roy Medvedev confirma que houve, durante o Congresso, a reunião dos secretários regionais do PCUS, dedicada à questão da substituição de Stalin: um grupo deles, que incluía Anastas Mikoyan, o georgiano Ordjonikidzé, Petrovsky, Orachenlanchvili, foi encarregado de pressionar Kirov para que se candidatasse ao posto de secretário-geral. Pela primeira, e única, vez na “era staliniana”, formou-se um semi-consenso acerca da readmissão dos opositores a Stalin no partido, com exceção de Trotsky, os trotskistas, assim como de Ivar Smirnov e seus amigos do “bloco das oposições”.

É à luz dessa situação que se deve apreciar o assassinato de Kirov, em dezembro de 1934, e os próprios Processos de Moscou, onde Trotsky seria o principal acusado. Stalin, no meio das dificuldades do Congresso do PCUS de 1934, conseguiu no entanto fazer nomear seus “homens” (Kaganovitch, Ekhov e o jovem Malenkov) em postos-chave. Kirov fora claramente designado como “número 2”, promovido a “secretário do partido”: esse foi o “compromisso” de 1934. Onze meses depois, a 1º de dezembro de 1934, Kirov foi assassinado por um jovem comunista, Nikolaiev. Deflagrou-se então uma repressão em massa, rápida e espetacular, com leis de exceção, milhares de deportados na Sibéria (remitidos nos chamados “trens de Kirov”), todos “suspeitos” de complô para assassinar... Kirov: Nikolaiev, julgado a portas fechadas, foi executado. A repressão em massa acabou com a “sociedade dos velhos bolcheviques”. Os trotskistas passam a ser chamados de “assassinos”.¹⁶

Trotsky indicou, na época, que o assassinato de Kirov fora “facilitado”, se não organizado, pela NVKD. Ele foi o pretexto para os “Processos” em que foi liquidada toda a velha guarda bolchevique. Mas paralelamente aos processos públicos (que foram apenas a ponta do *iceberg*) aconteceram processos “a portas fechadas”, sem dúvida devido à impossibilidade de extorquir confissões dos acusados: em junho de 1937, a condenação e execução da cúpula do Exército Vermelho, como veremos mais adiante, e de seus chefes, o marechal Tukhachevski e o general Piotr Iakir; em julho de 1937, o processo, condenação e execução dos dirigentes do Partido Comunista da Geórgia (Mdivani e Okudjava); em dezembro de 1937, a continuação do anterior, com a condenação e execução de Ehlukidzé. Com os fuzilamentos em massa de opositoristas de esquerda na Sibéria, em 1938, a *ekhovtchina* (do nome do chefe da NVKD, Ekhov) stalinista estava completa. Com o massacre da década de 1930, Stalin superou a crise política imediatamente precedente:¹⁷ no XVII Congresso do PCUS 270 delegados votaram contra Stalin (eleito para o CC na *última* posição dentre os eleitos) tentando substituí-lo, o que foi motivo político imediato para os Processos de Moscou. No expurgo decorrente, além dos remanescentes da velha guarda bolchevique, foram eliminados 98 dos 117 membros do Comitê Central eleito em 1934, 1108 dos 1966 delegados ao XVII Congresso, 4 membros do Bureau Político, 3 dos 5 membros do Bureau de Organização.

O massacre abrangeu todos os antigos opositores e suas famílias, 90% dos quadros superiores do Exército Vermelho, todos os dirigentes da polícia política antes de Ekhov, a maioria dos comunistas estrangeiros refugiados na URSS (no total, houve de 4 a 5 milhões

¹⁶ Amy Knight. *Quem Matou Kirov?* O maior mistério do Kremlin. Rio de Janeiro, Record, 2001.

¹⁷ Roy Medvedev. *Le Stalinisme*. Origines, histoire, conséquences. Paris, Seuil, 1971.

de detenções, um soviético para cada 17 foi detido, um para cada 85, executado)¹⁸. Paralelamente, a tendência burocrática para a destruição das conquistas de Outubro, antecipada por Trotsky, verificou-se em medidas como o fim do direito ao aborto e do ensino superior gratuito. O “descabeçamento” do Exército Vermelho teve uma importância imediata para os destinos da URSS: em junho de 1937, o marechal Tukhachevsky, vice-ministro de Defesa, foi submetido a um julgamento secreto, condenado à morte, e executado quarenta e oito horas mais tarde, junto a outros sete generais que constituíam a flor e a nata do Exército Vermelho. Poucos dias antes, o general Gamalrik, comissário geral do Exército, tinha se “suicidado”. Os generais foram acusados de espionagem em favor da Alemanha nazista e de preparar um complô junto a Hitler para favorecer uma derrota soviética. Os acusados eram todos heróis da guerra civil: Iakir, comandante de Leningrado, Uborevich comandante do distrito ocidental, Kork comandante da Academia Militar, e o chefe da cavalaria Primakov. O marechal stalinista Voroshilov, ministro da Defesa, acusou-os poucos dias mais tarde de serem coniventes com Trotsky. “O Exército Vermelho foi decapitado”, declarou Trotsky, ao inteirar-se das execuções. Formados junto a ele durante as guerras civis, considerava-os, à margem de não ter afinidade política especial com eles, como os melhores quadros do Exército Vermelho e, de longe, os mais populares e capazes.

O processo dos generais foi, contudo, só a parte visível de um impressionante expurgo que desintegrou as Forças Armadas soviéticas. Em agosto de 1937, segundo Leopold Trepper (criador da rede de espionagem soviética durante a Segunda Guerra Mundial, conhecida como *Orquestra Vermelha*), “Stalin reuniu os dirigentes políticos do Exército para preparar a depuração dos ‘inimigos do povo’ que poderiam existir nos meios militares. Aquele foi o sinal para iniciar a matança: Treze dos 19 comandantes do Exército, 110 de seus 130 comandantes de divisão e de brigada, a metade dos comandantes de regimento, e a maior parte dos comissários políticos, foram executados. O Exército Vermelho, assim desintegrado, ficou fora de combate por alguns anos”. Calculam-se em mais de 35 mil os oficiais assassinados. Os quatro marechais que endossaram as acusações contra Tukhachevsky foram, logo depois, também executados. A “limpeza” também chegou à Internacional Comunista: direções inteiras de diversos partidos comunistas foram executadas. Afirma Trepper (de origem polonesa) que, quando aluno da Universidade para estrangeiros em Moscou, pereceram 90% dos militantes comunistas estrangeiros residentes em Moscou.

No quadro criado pelos “processos”, o choque entre Stalin, e a GPU (NVKD), e o Exército Vermelho, era inevitável. Em 1937, os comandos do Exército Vermelho estavam formados pelos quadros surgidos durante a guerra civil, a maioria deles sob o comando de Trotsky, fundador do Exército Vermelho. Mesmo não tendo sido oposicionistas, a crise permanecia latente. Os chefes do Exército tinham relativa autonomia, e não deviam seus cargos a Stalin. A popularidade deles era muito grande, em particular a de Tukhachevsky, reconhecido mundialmente como o modernizador que havia posto o Exército Vermelho em um nível técnico e estratégico bastante alto (mecanização, pára-quedismo, etc.). Tukhachevsky e os comandos do Exército Vermelho viam com inquietude a evolução da Alemanha nazista e consideravam inevitável um conflito militar com ela. Mesmo que Tukhachevsky e Kirov não fossem líderes políticos comparáveis a Trotsky e Zinoviev, a

¹⁸ Pierre Sorlin. *The Soviet People and Their Society*. Nova York, Praeger, 1970.

autoridade de um sobre o Exército, e de outro sobre a própria burocracia transformava-os em rivais potenciais perigosos para Stalin.

Como uma ironia do destino, os chefes do Exército Vermelho, que criticavam Stalin pela escassa preparação da URSS frente a uma inevitável guerra com a Alemanha nazista, foram condenados como espiões alemães, em uma falsificação de documentos da qual participaram os próprios nazistas. Os mecanismos da falsificação foram postos à luz pelo próprio Trepper, quem como chefe da Orquestra Vermelha fora detido durante a guerra pela Gestapo. Seu captor, Hermann Goering, contou-lhe como havia forjado a falsa acusação com Heydrich, comandante das SS. Para isso, contaram com o apoio de um ex-general russo branco, Skoblin (quem, na época, trabalhava para a GPU-NVKD) quem fez a denúncia de que Tukhachevsky preparava um complô. Rapidamente juntaram provas falsas e fizeram com que o material chegasse a Stalin, através do governo da Frente Popular checa, presidido por Benès. Após este “affaire”, Hitler proclamou: “Neutralizamos a Rússia por dez anos”. A partir disto, pode preparar a conquista da Tcheco-Eslováquia e a guerra sobre sua frente oeste.

A decapitação debilitou decisivamente o Exército Vermelho, e preparou as condições para o Pacto Hitler-Stalin de 1939. Quando finalmente Hitler invadiu a Rússia em 1941, infligiu no começo terríveis derrotas ao Exército Vermelho, o qual demorou muitos meses para se recompor, e isto às custas de milhões de mortos e prisioneiros. Os novos comandos ascendidos depois dos expurgos se destacavam por seu servilismo ao grande chefe (nomeado então *generalíssimo*). O massacre da cúpula do Exército Vermelho foi um fator, não só de enfraquecimento, mas também quase uma aposta em que se punha em jogo a própria existência do Estado surgido da revolução.

Em 1939, após o fracasso das negociações URSS/França-Inglaterra, Stalin celebrou um pacto com Hitler, declarando seu apoio aberto ao regime contra-revolucionário alemão: “Não se tratou apenas de um pacto de não-agressão, mas de uma delimitação de esferas de influência, de um acordo para dividir a Europa Oriental. Stalin reconhecia que a guerra entre Alemanha e o Ocidente era inevitável”.¹⁹ O Pacto Hitler- Stalin (ou Pacto Molotov-Ribbentrop, do nome dos chanceleres que o assinaram) não foi, por outro lado, apenas político: as importações soviéticas na Alemanha passaram (no biênio de vigência do pacto, 1939-1940) de 56,4 para 419,1 (milhões de rublos), e as exportações de 61,6 para 736,5.²⁰

Trotsky, no mesmo momento, denunciou a ilusão stalinista de uma neutralização duradoura da Alemanha mediante o pacto, estabelecendo a inevitabilidade da agressão da URSS pelo nazismo hitleriano, denúncia reafirmada em seu último documento publicado em vida, o *Manifesto de Emergência da IV Internacional* (maio de 1940, onde antecipou a inevitabilidade e a iminência da invasão alemã). Quando os analistas anunciavam a convergência vitoriosa dos “totalitarismo fascista e comunista”, Trotsky não perdeu de vista a diversa natureza da base de classe de ambos estados, e as contradições sociais, políticas e nacionais em que estavam envolvidos. Esquecem isto, sem dúvida, os que caracterizam a vitória de Stalin sobre Trotsky como produto da superior *realpolitik* do primeiro: o “realista” Stalin foi apanhado de surpresa pela inversão nazista de julho de 1941, na

¹⁹ J. P. Nettle. *Bilan de l'URSS 1917-1967*. Paris, Seuil, 1967, p. 162.

²⁰ Alec Nove. *Historia Económica de la Unión Soviética*. Madri, Alianza, 1973.

iminência da qual não conseguiu acreditar nem mesmo após os informes da rede de espionagem soviética²¹.

No balanço final do período, quase todos os “revolucionários profissionais” da época pré-revolucionária e da guerra civil, a maioria dos companheiros de Lênin, foram assassinados. Seu lugar no partido foi ocupado por homens que nele ingressaram já no período stalinista: foi o início da “carreira” dos Brezhnev, Kossyguin, Gromyko, que se uniram aos “homens de Stalin” (Beria, Malenkov, Postrebychev). O “culto à personalidade” de Stalin desenvolveu-se contra o pano de fundo da destruição de boa parte das conquistas sociais da revolução e o reforço sem precedentes da disciplina do trabalho. Trotsky concluiu que, embora baseados em regimes sociais diversos e opostos, nazismo e stalinismo se complementavam simetricamente, pois ambos se desenvolveram no solo histórico da contra-revolução mundial, na segunda metade da década de 1920 e na década de 1930.

Referências Bibliográficas

- Alec Nove. *Historia Económica de la Unión Soviética*. Madri, Alianza, 1973.
- Amy Knight. *Quem Matou Kirov? O maior mistério do Kremlin*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- Charles Bettelheim. *L'Économie Allemande sous le Nazisme*. Paris, François Maspéro, 1971.
- Claude Klein. *De los Espartaquistas al Nazismo*. La República de Weimar. Barcelona, Península, 1970.
- Hjalmar Schacht. *Setenta e Seis Anos de Minha Vida*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- Ian Kershaw. *Qu'est-ce que le Nazisme. Problèmes et perspectives d'interprétation*. Paris, Gallimard, 1992.
- J. P. Nettl. *Bilan de l'URSS 1917-1967*. Paris, Seuil, 1967].
- Leon Trotsky. *A 90 años del Manifiesto Comunista (1937)*. Escritos, Bogotá, Pluma, 1974.
- Leon Trotsky. A natureza de classe da URSS. In: *A Revolução Russa*. São Paulo, Informação, 1989.
- Leon Trotsky. *Moral e Revolução*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978 (1 ed. 1938).
- Leon Trotsky. *O Marxismo de Nosso Tempo*. São Paulo, Outubro, 1988 (1 ed. 1939).
- Leon Trotsky. *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- Leopold Trepper. *O Grande Jogo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- Marcel Willard. *O Incêndio do Reichstag*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968.
- Norbert Frei. *Lo Stato Nazista*. Bari, Laterza, 1998.
- Perry Anderson. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. Lisboa, Afrontamento, 1978.
- Pierre Sorlin. *The Soviet People and Their Society*. Nova Yorque, Praequer, 1970.
- Roy Medvedev. *Le Stalinisme. Origines, histoire, conséquences*. Paris, Seuil, 1971.

²¹ Leopold Trepper. *O Grande Jogo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.